ZAINABU:

I: Bom dia. Com quem estou a falar hoje?

Z: O meu nome é Zainabu Abihanifah Godoro.

E: Então fala-me um pouco de ti. Onde cresceste, quantos irmãos tinhas, como era a vida para ti quando eras criança?

Z: Eu cresci em Thika, no condado de Kiambu. Sou a terceira filha, entre 4 irmãos. O meu irmão morreu quando era jovem, por isso agora somos três. O meu pai também faleceu, que a sua alma descanse em paz, a minha mãe ainda está viva, ainda vive em Thika.

E: Então cresceste em Thika?

Z: Sim, cresci em Thika.

E: Então, como vieste para a cidade, qual é a história de Zainabu?

Z: A maioria dos membros da minha família vivem em Nairobi, por isso quando éramos jovens costumávamos visitar sempre as nossas tias e os nossos primos. Depois da escola, fui para o colégio. Nunca tive boas notas para ir para a universidade, mas podia ir para o colégio e matricular-me em Nairobi. Foi assim que vim viver para Nairobi.

E: Quando foi isso, em que altura?

Z: Isso foi por volta de 1999.

I: Foi há muito tempo.

Z: sim.

E: Um ano após a explosão da bomba.

Z: sim.

E: Como era a vida para ti aqui na cidade e com quem vivias?

Z: Na altura vivia com a minha tia porque ia e vinha de casa dela para a faculdade. Isso foi em 1999. E depois penso que fiquei com ela durante cerca de um ano. Depois fiz os meus exames. Após os meus exames, por volta do ano 2000. Em 2001 consegui o meu primeiro emprego, trabalhei em hotelaria. Quando consegui o meu primeiro emprego, mesmo sem receber o meu primeiro salário, mudei-me com a minha amiga para Nairobi West. Foi assim que comecei a viver por conta própria.

E: Aha. E que idade tinhas nessa altura?

Z: Tinha cerca de 20, sim, cerca de 20 anos.

E: Uau, muito independente.

Z: Sim.

E - E quando começaste a tua própria família?

Z: Ah, a minha própria família, demorou o seu tempo. Dei à luz o meu primeiro filho em 2006. E o meu segundo nasceu em 2008, depois o meu terceiro nasceu em 2012.

E: Na verdade, vamos dar um passo atrás. O que é para ti uma família, como definirias família?

Z: Interessante. Família, hm, o que é uma família para mim? A família é na verdade para mim, a forma como posso descrever uma família, não acho que sejam só pessoas que são parentes de sangue, tem de ser alargada. Os amigos também podem tornar-se família. Penso que a família são sobretudo pessoas que estão lá para ti na tua vida diária. Podem ser parentes de sangue, os teus colegas tornam-se teus amigos e depois tornam-se família, podem ser apenas amigos, vizinhos. É assim que eu associo a família.

E: E isto resulta da tua experiência de crescimento ou do tipo de vida que vives na cidade e da definição das coisas para ti própria? De onde vêm esses valores?

Z: Na verdade, estes valores vêm da minha avó. Costumávamos viver com ela na sua terra natal, em Thika. A minha avó acomodava toda a gente, toda a gente. As pessoas vinham de todos os calibres de vida, porque a nossa casa é mesmo ao lado da mesquita, sou muçulmana, a nossa casa está mesmo ao lado da mesquita, e por isso ela abriu a nossa casa a todos. Foi assim que aprendi que a família não é apenas as pessoas que estão ligadas a ti pelo sangue, mas qualquer pessoa que venha e que possas acomodar, a que possas estar associada, fazer coisas em conjunto, isso é família.

E: Se te perguntassem, quem são os membros da tua família, como responderias a isso?

Z: Os meus membros da minha família? Como posso... podes repetir essa pergunta?

E: Quem dirias que são os membros da tua família?

Z: Ah membros da família. Aquelas pessoas que são realmente pessoas próximas de mim, que conhecem as minhas lutas diárias, conhecem as minhas conquistas diárias, que me acompanham, chamo-lhes família. Porque também há membros da tua família, como os teus parentes de sangue, mas eles não querem saber realmente de ti. Só nos encontramos com eles talvez durante casamentos ou funerais, é quando nos apercebemos, ah, é a minha família.

E: Porque a definição típica de família é a de uma família nuclear, como um pai, mãe e filhos, ou a tua família alargada, os teus avós, os teus primos, as tuas tias e tios e coisas do género. Então, para ti, essa definição não descreve a forma como vês as coisas?

Z: sim, pelo que passei, para mim isso não define o que é ser família.

E: Então, a religião desempenha algum papel na forma como vives a tua vida?

Z: Sim, desempenha.

E: Como?

Z: Posso dizer que sim, e que não?

E: Claro.

Z: A razão pela qual eu diria que sim é porque é preciso ter fé em tudo o que se faz. Portanto, para mim, a minha religião é o que me guia. Mas mais uma vez, a maioria dos membros da família que eu descreveria não vêm da minha religião. A maioria deles são cristãos, também tenho amigos que não acreditam em Deus ou em coisas do género. E também tenho membros da minha família que são muçulmanos. Portanto sim, acredito na minha religião, mas também quando se trata de família, não gosto de misturar religião com família.

E: E para a tua vida pessoal, a religião desempenhou algum papel na forma como te vestes, onde se constrói a casa, a forma como fazes as coisas, isso desempenha algum papel?

Z: No que diz respeito a vestir, na verdade a maioria das pessoas não pensa que sou muçulmana, porque não me visto como uma muçulmana, diz-se que é conservador, mas quando se trata da minha religião sou muito rigorosa, rezo 5 vezes por dia, jejuo, faço tudo o que a minha religião me pede para fazer. Não me visto como uma muçulmana, mas visto-me apropriadamente.

E: Bem, de qualquer forma é uma escolha pessoal, por isso não é, não há nada de errado com isso, é sobre a fé no teu coração. Portanto, fala-me da tua casa. Com quem vives actualmente e como defines as tarefas em casa?

Z: Sou mãe solteira, separei-me do meu marido há 5 anos atrás, pedi o divórcio, mas ainda está em processo. Vivo com os meus 3 filhos e actualmente estou a lutar pela custódia dos rapazes. Há 5 anos atrás foi quando me separei, mudei-me da minha casa matrimonial, e comecei a viver sozinha. Na verdade, deixei os meus filhos com o meu ex-marido. Depois ele não conseguiu criá-los e levou-os à minha mãe. E depois fui buscá-los e comecei a viver com eles.

E: Então a tua casa é...

Z: Sou eu e os meus três filhos.

E: E também parece que é um refúgio, como um espaço que criaste para ti e para os teus filhos. Portanto, nesta casa que criaste para ti, como operas as coisas? És tu quem toma as decisões principais, és tu o ganha-pão, como é que geres a tua casa?

Z: Sou aquela que toma todas as decisões, sou o único ganha-pão, mas divido as tarefas entre nós. Sentamo-nos e discutimos, eu e os meus filhos. O primogénito fez 14 anos, por isso agora é adolescente, pelo que estou a delegar-lhe algumas das tarefas. Sim, mas o meu segundo filho, ele, o primeiro, está no internato, por isso a maior parte do tempo não está em casa. Por isso, o meu segundo filho também cuida dos seus irmãos. O que lhe deleguei foram as tarefas domésticas, como lavar pratos. Graças à COVID agora, eles estão a aprender a cozinhar, por isso cozinham por turnos.

E: Como é que a tua família satisfaz as suas necessidades financeiras?

Z: Actualmente, não estou a trabalhar por causa da COVID, mas faço pequenos negócios, vendo ovos e também vendo batatas. O pouco rendimento que consigo com isso é o que agora nos sustenta, embora seja uma luta realmente grande porque tenho três filhos, e graças a Deus mais uma vez, devido à COVID agora, não estamos a pagar propinas escolares, por isso pelo menos esse fardo diminuiu. O único grande fardo pelo qual agora me custa realmente lutar e que fica para trás é a renda. Antes podia pagar a renda e as propinas parcialmente, em pequenas porções, mas neste momento as coisas não estão muito bem. Mas continuo a agradecer a Deus por estarmos vivos e por sermos capazes de comer e de tomar conta das crianças e por elas estarem saudáveis.

E: Recebe apoio dos seus familiares?

Z: Sim, os meus familiares apoiam-me muito, eles compreendem o que eu passo e estão sempre lá para eles, para mim.

E: Sentes que também cuidas de outros parentes, ou como é que isso funciona?

Z: Na verdade, apoio familiares e não familiares. Acredito que, tal como me perguntaste, a minha religião diz que tens de dar e acredito que quando tens de dar, não é exactamente o que realmente gostas, não tens apenas de dar dinheiro, ou qualquer coisa, tu ajudas onde pensas que és capaz. Sou esse tipo de pessoa extrovertida em que saio do meu caminho e até ajudo mais pessoas do que... às vezes até dou o que tenho.

I: Qual é a tua opinião sobre as relações entre pessoas do mesmo sexo?

Z: Relacionamentos entre o mesmo sexo. Como eu disse, sou muçulmana e não o encorajaria, mas agora é realmente como se estivesse a acontecer no mundo, a maioria das pessoas está a aceitá-lo, mas eu não o faria.

E: Há membros na família que estão casados ou que estão em relações duradouras com o mesmo sexo?

Z: Eu conheço um, mas ele esconde, é um parente e é homossexual. Mas ele não o mostra, nós gostamos, eu pessoalmente fiquei a saber através de outra pessoa e depois de observar, sim, acho que ele é homossexual.

E: Hm Não sei se isso se aplica, mas ele adoptou crianças?

Z: Ainda não porque ele ainda prefere esconder, e ainda não falou disso directamente.

E: Quem lidera a tarefa de criar os seus filhos? É algo que faz sozinha ou o seu ex-marido participa?

Z: Sou eu. O meu ex-marido, na verdade, obriguei-o a gostar de participar, mas ele ainda não se mostrou muito interessado. Na verdade eu diria que sou eu quem realmente cuida das crianças, porque o número de vezes que o foram visitar, acabou sempre por ser como se voltasse à estaca zero.

E: E porquê?

Z: Porque é alcoólico e na maioria das vezes quando o vão visitar, ele leva-os aos bares e bebe com eles, sim. Levava-os como se fossem a um passeio, mas levava-os para um local onde possa ter acesso a álcool. E vê-se que abusa do álcool, e por vezes isso afecta as crianças. E depois, quando ele toma álcool, acho que passa má energia às crianças, sim.

I: Então para ti, como é importante criar uma atmosfera e um espaço para os seus filhos que não seja assim? Deixa-me perguntar melhor. Obviamente que tens razões para ter deixado o seu casamento, e talvez isso tenha moldado a forma como crias os teus filhos. Quais são as coisas que aprendeste agora como mãe solteira e as coisas que os teus filhos precisam e o que precisam de aprender para construir as suas próprias famílias?

Z: Posso voltar atrás e explicar porque é que eu, na verdade, as pessoas não compreendem realmente porque é que eu deixei o meu casamento. Claro que quando conheci o meu marido era para toda a vida, mas as coisas mudam. Ele começou a beber, eu também bebo, mas no caso dele o álcool apoderou-se e acabou por perder empregos, não cuidava de nós, e também não era realmente um modelo para as crianças, porque voltava para casa bêbado. Mas apesar de tudo ele é o pai dos miúdos, não há maneira de mudar isso. E eu teu sempre fé com o tempo, as coisas possam mudar. Com o tempo ele poderia mudar, deixar de beber, mas na minha perspectiva ele não quer mudar. Continua a beber, eu sou muçulmana e fomos criados à maneira swahili, segundo a qual te dizem vumelia e usitoye sirie nyumba yako. Isso significa que não há que revelar os teus problemas a outras pessoas. Por isso, durante nove anos, mantive-o dentro de mim. Embora os membros da minha família o vissem a beber, mas diziam que não era um problema. Até que, quando fui ter com eles e lhes expliquei que este tipo bebia muito me batia. Quando lhes disse pela primeira vez, eles nunca acreditaram. Eu sou uma pessoa muito faladora, niko naherehere nyingi. Kiherehere é, eu sei muito, falo muito, talvez seja cabeça dura ou assim.

I: És forte de cabeça.

Z: Eu sou forte de cabeça e sou uma pessoa muito extrovertida. Assim, quando olham para mim e quando olham para o meu ex-marido, dizem sempre que sou eu quem está sempre no caminho errado. Portanto, na realidade, os membros da minha família apoiaram o meu marido em vez de me apoiarem a mim. Na verdade, nunca acreditaram em mim. Até naquele dia, quando nos sentámos, ambos os membros da família, e eles continuaram a dizer-me, estás a ver, o teu marido está a dizer que vai mudar, que vai parar de te bater, foi um erro que ele cometeu. No fundo, eu sabia que ele não o faria porque não era a primeira vez, mas foi a primeira vez que eles vieram para o ouvir. Então eu sabia que se voltasse atrás seria o maior erro da minha vida, por isso recusei. Na verdade, recusei totalmente e, pela primeira vez na minha vida, o meu cunhado disse-lhes: este é o meu irmão e esta é a esposa. Quando se conheceram pela primeira vez, eram dois deles, por isso nunca poderemos forçá-la a voltar atrás. Ela é a que usa os sapatos e sabe onde dói mais. Portanto, vamos dar-lhe tempo, porque é visível que ela está realmente a chorar e a dizer que não quer. Eu costumava chorar, eu chorei muito nesse dia, não vou voltar, não vou voltar. O que quer que me digam, eu não vou voltar, mesmo que vocês não me apoiem, eu vou seguir sozinha e vou conseguir.

E: E isso foi agora há cinco anos?

Z: Não, isso foi há seis anos.

E: Ah agora no início da separação.

Z: Sim, no início, no início da separação. Após algum tempo, duas três semanas, os meus familiares vieram com um plano, disseram que o levariam para uma reabilitação e disseram-me para voltar. Eu disse-lhes que só voltava para ir buscar as crianças - porque tinha deixado os meus filhos - durante todo este processo de separação, fugi e deixei os meus filhos. Na minha cabeça, na altura, eu pensei, ainda sou jovem e fértil, se arranjasse outro homem, ainda podia conceber crianças mas não tinha um emprego. Mantive-me sozinha sem o apoio da minha família. E pensava, como vou sobreviver com eles? Primeiro tenho de ir e fazer a minha vida e depois posso apoiá-los. Durante todo este tempo, todo este tempo em que fui casada, todos pensavam que era o homem que nos estava a manter - sabes, numa perspectiva africana, pensamos sempre que o homem é o chefe da casa, mas eu acho que as coisas mudaram. Hoje em dia ... Ambos somos responsáveis, partilhamos os nossos papéis em casa. Eu faço a minha parte e ele faz a sua parte, como um ...

I: Como ahm, qual é a palavra? Conheço essa palavra, desculpa interromper, mas conheço essa palavra... relação igualitária, onde os parceiros são iguais.

Z: Sim. Mas no meu casamento não foi assim. Foi eu estou num casamento e quero que funcione, mas sou eu que carrego com a maior parte. E não é que este homem não estivesse a trabalhar, ele trabalhava e recebia muito dinheiro mas ele - ele, ele é mais velho do que eu, por isso provavelmente tinha visto mais da vida do que eu e sabia manobrar - ele tinha-me cegado para que eu não pudesse ver adiante. Mas eu estava lá para que as coisas funcionassem para sempre até que a morte nos separasse. Mas agora a luta tinha aumentado e eu não estava em paz na minha casa e já não era eu mesmo. A certa altura até deixei de estender a mão ou falar, nem sequer tinha amigos, deixei de ver os meus amigos, deixei de ver os meus parentes. Estava no meu próprio casulo do casamento, não era uma coisa boa, nunca foi uma boa sensação. E eu não queria que os meus filhos me vissem sofrer assim. E também não queria que os meus filhos crescessem sabendo que o pai batia na mãe. Eu queria-os fora daquilo, preferia que eles vivessem com o pai e que a mãe se fosse embora. Foi por isso que deixei o meu casamento.

I: Falaste anteriormente que a ideia de separação ou divórcio ou a ideia de falar sobre problemas num casamento não era aceite, ou bem recebida. Achas que foi isso que te manteve no casamento durante nove anos e quais são os seus pensamentos sobre isso, esse tipo de pressão externa?

Z: Quando olhas para outras pessoas, diz-se sempre que na maioria das comunidades africanas as mulheres são sempre ensinadas que o homem é o chefe da casa, por isso o que quer que ele diga tu tens de seguir e tens de estar abaixo dele. E o que quer que aconteça no teu casamento, é o teu segredo. Têm de resolver isto, os dois. Mas mais uma vez, quando estás num casamento, gostas de tentar falar sobre o assunto e resolver os teus problemas. Nunca funcionou para mim. Para mim, pessoalmente, nunca resultou, porque eu tentei. Tentei o suficiente, é engraçado,, os meus sogros sabiam mais dos meus problemas do que os meus próprios familiares. E para eu falar com os pais dele é porque estava cansada. Mas era os pais dele. E, claro, sempre o apoiaram. Por isso, pensei que quando trouxesse os meus familiares e nos sentássemos como duas famílias que despertaríamos o meu marido para para a realidade e que ele parasse. Mas nunca parou. Só parou durante talvez uma semana ou duas semanas. Depois, ia beber e voltava.

E: Ah, isso é uma pena. Então agora construiste uma vida para ti mesma e aqui estás cinco anos mais tarde. Ainda acreditas no conceito de casamento?

Z: Se me tivesses feito essa pergunta há cinco anos atrás, eu dir-te-ia que não. Mas agora sim, agora posso dizer-te que ainda acredito na instituição do casamento e sei que é viável, mas é viável quando se entra numa relação e se faz o processo de - há um processo para se entrar no casamento, como se tivesses de namorar, tens mesmo de conhecer essa pessoa e gostar - tens de saber o que queres para ti própria. Primeiro tens de estar tu, depois a outra pessoa, o que é que ela quer para si própria? E eu acredito que, o que essa pessoa quiser para si própria e o que tu queres para ti, se se puseres tudo sobre a mesa, tem de ser algo que vocês sejam capazes de conjugar.

E: Isso é algo que aprendeste como uma por experiência ou achas que também é como a forma moderna de relacionamento?

Z: Uma parte é uma forma moderna de relacionamento e outra vem da minha experiência. Porque neste momento, claro, há tantas pessoas que se aproximaram de mim, estou a namorar neste momento e sinto-me mais confortável com o namoro agora, depois de conhecer bem esta pessoa. Depois, quando olho para trás e vejo como o fiz antes, é muito melhor agora do que antes. Agora acredito nessa instituição que é isto que eu quero e ainda acredito na instituição do casamento.

E: Então, com que idade viste os seus primos ou os seus familiares casarem-se, qual era a idade típica?

Z: A partir dos 25 anos, dos 25 aos 30, por aí.

E: E mencionaste que és muçulmana. A ideia de múltiplos parceiros é algo que é aceite e já viste isso na tua família?

Z: Engraçado o único muçulmano na minha família é o meu tio que casou com várias esposas, mas não o fez da forma habitual. No Islão um homem pode ter 4 esposas. E se tiver 4 esposas ao mesmo tempo, a primeira esposa tem de consentir para que ele se case com a segunda. E o mesmo acontece com a segunda e a terceira. Na minha família, tal como na família nuclear, é apenas um dos meus tios que casou com várias esposas, mas ele casou depois de se ter divorciado da primeira.

E: Então ele tem várias ex-mulheres?

Z: Sim, sim. E isso é diferente de ter múltiplas esposas de uma vez ou duas esposas de uma vez.

I: Isso faz sentido. E o que pensas - há pouco falávamos sobre educar crianças e foi assim que começámos a falar do teu ex-marido. Acha que os teus filhos - a forma como decidiste criar os teus filhos agora, vivendo com eles por uma questão de necessidade... - deixa-me perguntar isto com mais clareza: Então és mãe solteira e o teu ex-marido não aparece, és a única pessoa disponível para criar os teus filhos ou há uma comunidade à tua volta que ajuda a sustentar? A tua mãe, está envolvida na educação dos teus filhos?

Z: A minha mãe está 100% envolvida, as minhas tias também estão 100% envolvidas, os meus primos também estão 100% envolvidos. Com o tempo, eles perceberam que o meu marido estava errado e que eu - que criei os meus filhos sozinha apesar do sofrimento, de muitas mudanças que fiz de A para Z. A minha família percebeu que eu estava certa e que realmente precisava do apoio deles e então deram-me esse apoio. Aprecio muito isso.

E: Isso é óptimo. O que pensas sobre o planeamento familiar e aquilo que é possível fazer-se neste momento no mundo. É algo que se aplique ao teu caso - como estavas a construir a tua própria família?

Z: É muito importante ter planeamento familiar, eu diria que não é por acaso que o meu primeiro e segundo filho nasceram quando eu ainda estava a seguir um método de planeamento familiar. Por isso, na verdade, neste momento, por experiência, defendo o planeamento familiar, porque os tempos estão difíceis. E é preciso dares o melhor aos teus filhos, e se tivere vários filhos e fores mãe solteira, tendes a esquecer-te de ti própria e a concentrar-te nos teus filhos, o que também o torna tudo um pouco stressante. Porque a maior parte das vezes não consegues cuidar dos teus filhos. Sim, mas eu realmente defendo o planeamento familiar, é realmente muito importante. Para ser capaz de criar filhos, para que possas ser capaz de os criar com o pouco rendimento que tens - e não que criares filhos sem ser capaz de cuidar deles. Porque quando temos mais filhos, isso faz com que se tornem adultos numa idade mais precoce.

I: Interessante. E parte disso acho que também é uma combinação entre as responsabilidades deles em casa e na escola. Estás a descobrir algo, devido à tua situação particular na vida, estás a fazer escolhas particulares sobre a educação que eles podem ter e sobre o caminho que podem tomar? Que decisão tomaste sobre os teus filhos e que oportunidades educacionais eles podem seguir?

Z: Eles podem seguir - na verdade, eu fazem as rotinas escolares normais e defendo que se dediquem ao seu talento. Um dos meus filhos é jogador de futebol e agora tudo o fazem consome dinheiro. Para pôres o teu filho a jogar futebol, ele tem de entrar numa academia, há uma certa quantia de dinheiro que se tem de pagar. Mas na verdade, para ser muito honesta, não apoiei o meu filho porque sabia que entrar numa academia de futebol seria um rendimento extra para mim e eu não seria capaz de lho dar. Por isso ele encontrou a sua maneira de jogar o futebol, juntou-se a uma academia e agora estou a apoiá-lo.

E: Isso é maravilhoso. E neste momento os teus filhos estão a estudar 8 por 4 sistemas, estão numa escola pública, estão numa escola privada, num colégio interno?

Z: Quando deixei o meu marido, não tinha emprego e inscrevi-os numa escola pública. Devido ao que tinham visto, à pressão que havia quando nos estávamos a separar do pai deles, eles não tinham um bom desempenho e precisavam de apoio extra.

I: Então estávamos a falar sobre o percurso educativo dos seus filhos e tinhas mencionado os talentos dos teus filhos e a forma como eles os perseguiram. Na verdade, podemos dar um passo atrás, ou melhor, podemos redireccionar o kidogo, porque o facto de os teus filhos estarem num Internato ou de um deles estar num Internato, o facto de ter escolhido esse caminho, para que possamos seguir a partir daí.

Z: Os meus filhos estão no sistema 8 por 4. Mesmo quando eu era casada, eles ainda estavam no sistema 8 por 4 e estavam numa escola privada. Mas quando me separei, após a separação, deixei os meus filhos com o pai e, como disse anteriormente, para os meus familiares, a percepção africana é que o marido é o chefe da casa. Mas era eu que costumava pagar as propinas escolares dos meus filhos, o que inicialmente era uma coisa má que depois acabou por ser boa porque sabes, às vezes é melhor deixar que as pessoas vejam pelos próprios olhos o que estava a acontecer naquela instituição familiar. Quando eu continuava a dizer que era eu que fazia tudo porque eu costumava fazer catering e esse era todo o dinheiro que recebia junto com o apoio dos meus familiares, os meus familiares já me apoiavam mesmo quando eu era casada. Eu pagava as propinas da escola e ele não trazia nada para casa. As pessoas sabiam que ele era jornalista e por isso recebia dinheiro e, por isso todos achavam que ele era o chefe da casa. E eu como o parceira silencioso, e sendo mulher, as pessoas não sabiam que era eu que estava a fazer tudo. Por isso, quando fugi, disse que já estava farta e deixei que o mundo soubesse pelo que é que tinha passado. Por isso, não foi falar com toda a gente, dizer a toda a gente aquilo pelo que passei, apenas deixar a natureza seguir o seu curso. E graças a Deus aconteceu, deixei de pagar as propinas da escola, no início senti-me tão mal porque ouvi dizer que os meus filhos não iam à escola por isso voltei e paguei, por cada criança paguei metade das propinas da escola. Depois foram para a escola, depois foram novamente expulsos, depois eu disse que não ia fazer isto, que não o ia permitir. Se ele trabalha, ele que gaste o dinheiro com os filhos. Infelizmente, ele nunca o fez. Deixou os meus filhos em casa durante um período inteiro. Então eu ainda com dificuldades porque saí de casa e não tinha o apoio dos meus familiares. Curiosamente, quando fui ter com os meus familiares e lhes contei sobre a minha separação e que não ia voltar para aquela casa, eles disseram-me que no momento em que saísse de casa que estaria sozinha. E eu estava tipo, para onde é que vou? Não tinha para onde ir e disse, já que eles o apoiavam, e eles gostavam muito dele e apoiaram-no.Perceberam que era um doente, que era um alcoólico, levaram-no para uma clínica de reabilitação. Ele foi submetido a todo o programa. Enquanto ele estava em reabilitação, eu voltei para a minha casa matrimonial e fiquei com os meus filhos, cuidei deles durante esses 3 meses sem qualquer assistência porque os meus familiares estavam a apoiá-lo a ele, por isso tive de encontrar uma maneira de criar os meus filhos, alimentá-los e estava desempregada. Mas graças a Deus, consegui. No dia em que ele terminou o seu programa, os meus familiares não estavam, por isso tive de ir buscá-lo. No mesmo dia em que fui buscá-lo à reabilitação e o trouxe para casa, ele teve uma recaída e bebeu. Quando voltou, bateu-me com tanta força que até me partiu um dente.

Graças a Deus no dia em que tivemos essa luta, no dia seguinte tivemos uma reunião de família, e eu tive de procurar uma maneira de fugir. Foi tão mau que ele quase me esfaqueou com uma tesoura e foi aí que percebi - na verdade foi a minha filha que me salvou a vida. Ela entrou na sala quando ele estava quase para me esfaquear. E ele simplesmente abanou a cabeça, pegou nela e atirou-a para fora de casa e trancou a porta. Acho que foi aí que ele caiu em si e disse: "quase esfaqueei esta mulher". Depois saiu de casa. No momento em que saiu, já me tinha rasgado a roupa, por isso mudei de blusa e levei a blusa rasgada e a tesoura - porque estava a sangrar um pouco e tirei os sapatos e fugi. O que realmente me salvou, porque não podia correr tão depressa,, foi entrar numa bodaboda, e disse ao boda, por favor leve-me directamente para a esquadra da polícia. Fiz um relatório, fiz uma declaração e disseram-me que tinha de ir, que tinha de ir buscar um P3, consultar um médico e foi exactamente isso que feu fiz. Um fim-de-semana depoisestava tudo terminado, e quando me reuni com os familiares e lhes mostrei as provas e lhes disse que já tinha feito uma acusação contra o meu marido. Eles sentaram-me e disseram: "Este é o pai dos teus filhos, não o podes mandar para a prisão. Ouvi-os mas segui o meu coração. Disse para mim mesma, sou a única pessoa que pode acabar com isto e não posso continuar assim. Por isso, nunca mais voltei para minha casa até hoje.

I: cinco anos mais tarde.

Z: cinco anos mais tarde. Embora vês, agora é que nos separámos. Até hoje, só vou ter com ele quando preciso de algo assinado para processos judiciais ou quero que ele assine algo para as crianças. São as únicas vezes que falamos, não falamos de mais nada. 5 anos depois. Foi realmente uma lição para mim, quero que os meus filhos obtenham algo de bom na vida e que não se sintam em desvantagem, especialmente o meu filho mais velho. A minha separação afectou-o realmente, levei-o a várias sessões de aconselhamento e essa também foi uma das coisas principais que me levou a pô-lo no Internato. Porque chegou a um ponto em que eu estava em casa, à espera do meu filho, e ele nunca chegava. Abandonava o colégio, faltava às aulas e ia ter como pai. E o seu pai ficava com ele e não me telefonava a dizer que ele estava lá. Por isso sentei-me e perguntei-me, o que queria para aquele miúdo, quem era o adulto na relação. Era eu ou era o miúdo? Tinha de tomar decisões difíceis que provavelmente o magoariam naquela altura, mas que no futuro seriam uma vantagem. E decidi que o meu filho iria para um Internato, mesmo sem o consentimento do seu pai. Primeiro pu-lo num Internato que estava próximo. Infelizmente não resultou, havia um professor que o molestava e o meu filho fugiu com um amigo da escola. Acabei por transferir o meu filho para outro Internato, muito mais distante, o mais distante de todos. Levei-o para Aberdares, Nyeri.

E: ok, estávamos a falar sobre decidir levar o seu filho para o Internato.

Z: Devido à experiência da minha separação, isso afectou muito o meu filho, por isso decidi que tinha de tomar decisões difíceis por ele, inscrevi-o no Internato para ser disciplinado e aprender a vida da maneira mais difícil.

E: Existem rituais de passagem particulares na tua família, na tua comunidade, na tua religião, que tenhas feito com os teus filhos?

Z: Sim, os rapazes têm de ser circuncidados e a sua circuncisão é geralmente precoce, mas infelizmente como fui casada com um cristão, tive de seguir o cristianismo ou tradição segundo a qual só quando o rapaz se torna adolescente é que pode ser circuncidado. Mas depois de me separar do meu marido, tornou-se minha responsabilidade fazê-los passar, submetê-los à faca. Por isso, sim, levei-os por mim própria a esse ritual.

I: Quantas vezes a tua família já se mudou?

Z: A minha família nuclear, eu e os meus filhos, costumava viver na minha própria casa em Kitengela, por isso, quando saí, mudei-me para casa de uma familiar. Ela deu-me muito apoio, mas quando percebi que os meus filhos tinham ficado um período inteiro sem ir à escola, tive de voltar a estar com eles mas não podia sobrecarregar a minha irmã, na verdade a minha prima, mas chamo-lhe minha irmã porque ela tem estado realmente presente para mim. Decidi arranjar uma casa pequena e ir viver com os meus filhos. Aí ficámos cerca de um mês e meio, costumávamos partilhar uma casa de banho, e o meu filho ficou com bilharzia. As coisas tornaram-se difíceis e eu voltei para a casa da minha prima, mas sentia que ela sendo solteira comigo e com os meus filhos era muito injusto. Por isso, fiquei cerca de duas três semanas enquanto procurava uma casa para que nos pudéssemos mudar. Consegui arranjar uma casa e mudei-me com os meus filhos. Desta vez tinha um emprego, mas não conseguia pagar, na verdade tinha de pagar mais renda do que o meu salário. Quando se tem filhos, quer-se o melhor para eles. Quando o meu filho ficou com bilharzia, apercebi-me da importância de ter a tua própria casa de banho em vez de partilhar. Por vezes...quando se tem filhos, quando o meu filho contraiu bilharzia, apercebi-me da importância de viver numa boa casa onde se tem a sua própria casa de banho. E foi isso que fiz. Mudei-me para uma casa em que a renda era mais do que o meu rendimento. Depois mudei-me para mais 6 casas, até esta onde estou agora a viver. Por muito difícil que tem sido a viagem, Deus tem estado do nosso lado.

E: Até onde tem de viajar para ver o resto da sua família alargada ou imediata? E com que frequência se podem visitar uns aos outros?

Z: Demoro apenas cerca de uma hora ou por vezes 45 minutos. A maioria dos meus parentes vive em Nairobi.A única é a minha mãe que vive fora de Nairobi e depois tenho uma tia que vive muito longe. Vive fora do país, no Zaire. Depois temos a nossa tia mais velha que vive em Malindi e, na maioria das vezes, somos nós que a vamos visitar. Estou muito grata a Deus por poder visitá-la duas ou três vezes durante o ano, o que também é muito especial para mim.

E: E quanto aos membros mais velhos da família alargada? Como é que eles são tratados? Existe uma espécie de forma cultural, um valor familiar, como é que a tua família imediata e alargada trata os membros mais velhos da família?

I: So the older generation, the grandmothers the grandfathers, that generation, are they taken care of in the city, are they taken care of upcountry, how are they perceived? Are there like homes that they go to or how are they taken care of?

Z: Actually how it is done, most of our – because most of our relatives are muslims and Christian, the way we usually tend to our elders, they still live with their relatives, there are those that live with their kids, there are those that still live with their grandparents, we go to them. We sometimes visit them and see. You know when you go to someone, its when you get to know whats the need of that person. It can be either monetary or maybe that person needs medical attention, this person maybe needs food or this person needs rent, youre able to, when youre on the ground that’s when now you see what’s the need of that person. That’s how we are able to cater for them. But we also have – is it like a monthly, or someone would like let me just do shopping for her, someone else would come up with something. Its just something that it just within us, we don’t sit down and talk about it. You just give it out of your will.

I: So theyre not forgotten.

Z: theyre not forgotten, theyre well taken care off.

I: So what makes your family special? And what you love about your personal clan?

Z: my family is very special. I even lack words to express how special they are. They are always go beyond the expectation and I really appreciate that and I thank God that im in this family.

I: Tell me, do you have special memories or a memory that you hold dear in your heart about your family?

Z: as I said my family is big. My extended family, we have a lot of special memories, but the most that are always in my heart – it’s about religion basically because we´ve intermarried, and most of my relatives are Christian and others are muslim. We always come together most of the time and you would never know who is a Christian and who is a muslim, that we interact and become one and we all believe in one God. That is always very special to me. That whenever we meet even people ask, you guys are relatives? I mean shes a muslim shes a Christian, there is that difference that doesn’t show in our family. That is one special thing that we have. And I would say, the way I said, it’s a chain of generation, its been passed on from our grandfathers to our parents and now to us. Im really praying that the other generation that is after us will continue with the same thing.

Z: bem, isto veio de - é uma coisa geracional que foi passada. Nunca conheci o meu bisavô, que a sua alma descanse em paz. Ele era um chefe, dizem que era um pai de comunidade. Ajudou toda a gente, pelas histórias que ouvi das minhas tias, dos meus primos, até mesmo de pessoas que não conheço. Quando se menciona o nome do meu bisavô, o seu nome era Mwalimu Ali Godoro, todos falam bem dele. Como ele os ajudou, como fez com que as raparigas estudassem, porque quando as nossas tias eram jovens, para as raparigas nunca foi uma prioridade irem para a escola. Ele impôs que todos, fossem muçulmanos, cristãos, qualquer pessoa da nossa comunidade e tivesse uma menina, que a pusessem na escola. Então, é a geração das nossas tias que se ajudavam umas às outras, ajudavam os idosos, quer fosses um idoso, ou um parente, um amigo, por isso penso que é dessa cultura que viemos e são os valores que propagamos. Quando estava em necessidades, as minhas irmãs ajudaram-me, as minhas amigas também me e ajudaram. E eu faço o mesmo com outras pessoas da comunidade e com os meus parentes.

I: Então a geração mais velha, as avós, os avôs, essa geração, que está a cargo da cidade, que está a cargo do país, como são vistos? Há casas para onde vão ou como é que são tratados?

Z: Na verdade a forma como é feito, a maioria dos nossos - porque a maioria dos nossos parentes são muçulmanos e cristãos, a forma como costumamos cuidar dos mais velhos é que eles vivam com os seus parentes, há aqueles que vivem com os seus filhos, há aqueles que ainda vivem com os seus avós. Por vezes visitámo-los. Quando se visita alguém, é quando se conhecem as necessidades dessas pessoas. Podem ser monetárias ou que talvez essa pessoa precise de cuidados médicos, que precise de comida ou de pagar a renda. Quando se está no terreno é quando agora se vê qual é a necessidade dessa pessoa. É assim que somos capazes de lhes dar assistência. Alguém pode fazer compras para ela, outra pessoa pode arranjar qualquer coisa. É simplesmente algo que temos em nós, não nos sentamos e falamos sobre isso, apenas damos por vontade própria.

E: Portanto, não estão esquecidos.

Z: Eles não estão esquecidos, estão bem tratados.

E: Então, o que torna a tua família especial? E: O que é que adoras no teu clã?

Z: A minha família é muito especial. Até me faltam palavras para expressar o quão especiais eles são. Ultrapassam sempre as expectativas e eu aprecio muito isso e agradeço a Deus por estar nesta família.

E: Diz-me, tens memórias especiais ou uma memória que te é querida no teu coração sobre a tua família?

Z: Como já disse, a minha família é grande. A minha família alargada, temos muitas memórias especiais, mas as que estão sempre no meu coração - têm basicamente a ver com a religião porque nos casámos, e a maioria dos meus parentes são cristãos e outros são muçulmanos. Reunimo-nos sempre a maior parte do tempo e nunca se saberia dizer quem é cristão e quem é muçulmano, porque interagimos e nos tornamos um só e acreditamos num só Deus. Isso é sempre muito especial para mim. Que sempre que nos encontramos até as pessoas perguntam, vocês são parentes? Quero dizer, ela é muçulmana, ela é cristã, há essa diferença que não se nota na nossa família. Isso é uma coisa especial em nós. E eu diria que é uma cadeia de gerações, que foi transmitida dos nossos avós para os nossos pais e agora a nós. Rezo para que a próxima geração continue assim.